

# **POR UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA:** De leituras do espaço e espaços de leitura

**FOR A LITERARY GEOGRAPHY:** Of space readings and reading spaces

**POR UNA GEOGRAFÍA LITERARIA:** De lecturas espaciales y espacios de lectura

## RESUMO

Neste ensaio discutimos as possibilidades da geografia literária. Na constituição dessa abordagem tanto estudiosos da geografia como da literatura pensam nas possíveis relações entre o espaço e a palavra escrita. De um lado, o olhar geográfico no entendimento dos textos literários, do outro, a compreensão literária do problema do espaço. Nos dois casos, *leituras do espaço* que atravessam a literatura. Mas à geografia literária também pode interessar os *espaços de leitura*, lugares onde a literatura tem papel relevante na concepção de mundo das pessoas que os frequentam. Das leituras do espaço aos espaços de leitura a geografia literária pode ser ampliada, enriquecida, tendo a certeza que a literatura, entre tantas outras artes, tem a capacidade de reeditar a verdade do homem no mundo, de mudar a sua história e a sua geografia.

**Palavras-chave:** Geografia Literária; Geografia Humanista; Espaço Literário.

## ABSTRACT

In this essay we discuss the possibilities of literary geography. In the constitution of this approach, geography and literature scholars think about the possible relationships between space and the written word. On the one hand, the geographical look in the understanding of literary texts, on the other, the literary understanding of the problem of space. In both cases, *space readings* that cross the literature. But literary geography may also be interested in *reading spaces*, places where literature has a relevant role in the worldview of the people who frequent them. From space readings to reading spaces, literary geography can be expanded, enriched, making sure that literature, among many other arts, has the capacity of reissue the truth of man in the world, to change your history and your geography.

**Keywords:** Literary Geography; Humanist Geography; Literary Space.

## RESUMEN

En este ensayo discutimos las posibilidades de la geografía literaria. En la constitución de este enfoque, los estudiosos de la geografía y de la literatura piensan en las posibles relaciones entre el espacio y la palabra escrita. Por un lado, la mirada geográfica a la comprensión de los textos literarios, por otro, la comprensión literaria del problema del espacio. En ambos casos, *lecturas espaciales* que cruzan la literatura. Pero la geografía literaria también puede estar interesada en los *espacios de lectura*, lugares donde la literatura tiene un papel relevante en la concepción del mundo de las personas que los frecuentan. Desde las lecturas del espacio hasta los espacios de lectura, la geografía literaria se puede ampliar, enriquecer, asegurando que la literatura, entre muchas otras artes, tenga la capacidad de reeditar la verdad del hombre en el mundo y cambiar su historia y su geografía. .

**Palabras clave:** Geografía Literaria; Geografía Humanista; Espacio Literário.

## Que geografia literária?

“No meu entender, a Geografia tem a função primordial de capacitar o homem a encontrar a habitação do ser-no-mundo. Não importam suas variações e oscilações através dos tempos históricos. O que permanece – tal como o núcleo do átomo cercado das mais estranhas propriedades entre os constituintes e em relação à energia que o define – é o vínculo primordial, entre o homem e o lugar na terra, onde os mortais residem, junto com as ‘coisas’.”  
(Monteiro, 1988, p. 141).

Quais as possibilidades da geografia literária? Fazemos-nos esta pergunta já tem algum tempo, buscando entender como a geografia literária pode ser bem mais que a análise, de um ponto de vista geográfico, das lógicas externa e interna das obras literárias, isto é, o estudo do espaço na e da literatura.

Na constituição da geografia literária, tanto estudiosos da geografia como da literatura pensam nas possíveis relações entre o espaço e a palavra escrita. De um lado, o olhar geográfico no entendimento dos textos literários, do outro, a compreensão literária do problema do espaço. Ambos empenhados na apreensão do mundo. O que temos são as diferentes formas de como a literatura amplia a nossa compreensão do espaço geográfico ou mesmo os modos como a geografia adensa os mapas das tramas literárias.

A literatura, como uma das expressões de nossa condição humana sobre a Terra, nos ensina sobre outras vidas e outros lugares e, dessa forma, muda o mundo daqueles que com ela entram em contato, leitores os mais diversos que por seu intermédio enxergam outros caminhos para si. Aspiração não muito distante daquela da geografia, pois o conhecimento geográfico também elucida e reforça a relação orgânica do ser humano com o ambiente, tornando os valores científicos e artísticos ainda mais próximos (Marandola Jr., 2007). Nesse contexto, literatura e geografia não só revelam novas cores ao mundo das pessoas, como também modificam de algum modo a sua realidade.

É nesse caminho que podemos pensar uma geografia literária interessada em *leituras do espaço* ou nas formas como a geografia apreende a literatura na (re)interpretação do espaço geográfico, mas também preocupada com os *espaços de leitura* ou com os lugares onde a literatura tem presença garantida, provocando leituras de mundo renovadas.

Voltando à epígrafe que anuncia o nosso ensaio, retirada de Monteiro (1988), vale pensar-mos na função primordial de nossa ciência: a de capacitar o homem a encontrar a habitação do ser-no-mundo. Diante dessa assertiva, a geografia literária deve considerar não somente o quanto a literatura amplia o nosso conhecimento sobre o espaço geográfico, mas também o quanto esse espaço é ressignificado por e para aqueles que acreditam na potência da palavra em transformar vidas. É o que esperamos demonstrar aqui.

## Geografia e literatura em leituras do espaço

“O rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa, cambiante. Ele somente dá ao termo concreto seu amparo e sua medida”  
(Dardel, 2011, p. 03).

O geógrafo Éric Dardel sugere ao rigor de nossa ciência a confiança na palavra dos escritores por estes evocarem paisagens que são animadas com outras nuances. Para ele, os escritores são donos de uma escrita que “[...] tornando-se mais literária, perde clareza, mas ganha em intensidade expressiva, devido ao estremecimento da existência que é dada pela dimensão temporal restaurada” (Dardel, 2011, p. 04).

Não é com a descrição mimética de sua terra e de sua gente que se preocupa o escritor. Ele não simplesmente se inquieta com a realidade, o que o afeta é a existência. O escritor (re)cria mundos recorrendo às suas vivências, lembranças e imaginação e com isso em mente traça

outros contornos para as paisagens e os lugares que conhece e atribui novas características às pessoas com as quais convive: “O olho vê, a lembrança revê e, a imaginação transvê”, poetiza Manoel de Barros (2015, p. 102) sobre esse que é o papel essencial do escritor, o de “desformar” o mundo.

Há muito os geógrafos recolhem geografias possíveis da literatura, geografias que os parecem sedutoras por possibilitarem o enriquecimento de seus trabalhos. Nas palavras do jornalista e professor de geografia Mauro Mota (1961, p. 95), as obras literárias podem constituir-se em “[...] bibliografia de consulta no estudo de muitos fatos geográficos”. Antes dele Monbeig (1947, p. 229) já afirmava que a geografia devia “[...] ser literária sem entretanto cair na literatura”, e Segismundo (1949, p. 328), interrogava: “E não constituirá a literatura, a melhor auxiliar da geografia, sua iniciação lógica, desde a infância à maturidade”? Para eles, apesar do valor atribuído à literatura, essa não se constituía como um campo de estudos para a geografia, sendo a obra literária meramente um documento capaz de lhes apresentar realidades que ainda não tinham estudado (Marandola Jr.; Oliveira, 2009).

Pensamos, concordando com Bertrand Lévy (1997), que é importante considerarmos a literatura como ela é: não uma muleta com o propósito de apoiar a ciência, mas a expressão profunda de um pensamento individual em contato com o mundo de uma época, a qual reflete algumas características estruturantes. É nessa perspectiva que a geografia deve dialogar, inclusive compreendendo a literatura como possibilidade de (re)pensar a sua episteme e, por conseguinte, seus conceitos e temas.

Para Marc Brosseau (1996), todavia, a geografia literária só ganha fôlego a partir dos anos de 1970, quando se multiplicam os apelos em favor da literatura. Segundo ele, têm sido três as formas de apropriação da literatura por parte da geografia, cada uma delas dentro de uma perspectiva teórico-metodológica diversa, quais sejam: *a literatura como complemento de uma geografia regional; a literatura como transcrição da experiência dos lugares e; a literatura como crítica da realidade ou da ideologia dominante*. As orientações teórico-metodológicas não definem os autores e as obras a serem abordadas, mas estabelecem meios para compreensão desses autores e dessas obras. Entendendo, porém, que os romances têm uma fala própria, Brosseau aborda-os, dialogicamente, como sujeitos capazes de revelar novos olhares para os geógrafos na apreensão dos espaços e dos lugares. O romance passa assim a ser um sujeito geográfico, com linguagem própria, passível de ser apreendida pelo geógrafo atento àquilo que ele tem a contar sobre a paisagem dos homens.

Com Michel Collot (2014), contudo, temos melhor noção das diferentes maneiras como vêm sendo conduzidas as investigações que relacionam geografia e literatura, quando este reagrupa em três abordagens as principais tendências que animam esse campo de pesquisa: *as geográficas; as geocríticas e; as geopoéticas*. Collot, assim, alinha caminhos que vão desde o contexto espacial em que as obras são produzidas ou as referências geográficas a que as obras se referem, passando pelas representações e significados do espaço no próprio texto, até as relações possíveis entre a criação literária e o espaço, implicando, ademais, a uma nova atitude frente ao mundo sob os planos intelectual, sensível e expressivo, fundamentos próprios da existência do homem na Terra.

Esses exemplos nos esclarecem que a geografia literária é um *conceito* que compreende uma pluralidade de relações entre geografia e literatura naquilo que essas podem revelar das *espacialidades* e das *geograficidades* presentes na obra literária. Como espacialidades, podemos entender a maneira como é organizado o espaço, no caso, o espaço literário, em sua lógica e processo de formação, considerando fatos históricos, ambiente físico, estruturas sociais, costumes e ideologias. Já as geograficidades, revelam os laços de cumplicidade que as personagens em sua individualidade e/ou coletividade estabelecem com o ambiente, colocando em relevo simbolismos, imaginações e imaginários, sentidos, identidades e afetividades. A primeira tende a ver a literatura como documento, expressão material da cultura, da sociedade e do momento histórico de um dado lugar, enquanto a segunda, concebe a literatura como (re)criadora de mundos, capaz de expressar a condição geográfica dos homens em sua pluralidade (Marandola Jr.; Oliveira, 2009; Jacinto, 2015).

Sem possuir limites claros e bem definidos, é possível associar diferentes abordagens na condução de estudos e pesquisas que busquem descortinar a geografia da vida e da obra dos escritores. Geografias que costumam estar nas entrelinhas do texto e mesmo extrapolar os limites do papel, em que vida e obra se alentam. Foi pensando nisso que nos empenhamos em revelar a Geografia Literária em Rachel de Queiroz, a partir de três caminhos (Cavalcante, 2019).

No primeiro, desvelamos as *geografias pessoais* da escritora, geografias apreendidas nas suas idas e vindas pelo Brasil, a partir das vivências e experiências geográficas que contribuíram para os contornos de sua estética (Marandola, 2011). Segundo a escritora cearense Ana Miranda, em artigo que aborda a relação entre autores e obras:

Às vezes a geografia pessoal é uma escolha, às vezes, uma imposição. Ter uma geografia pessoal, seja uma aldeiazinha, um vinhedo, um bairro de periferia urbana, é como dar forma ao nosso mundo, e uma maneira de não perder o passado. Ela não é o lugar onde alguém nasceu, nem o lugar onde alguém mora. Ela é o lugar que alguém ama. Aquele que mais ficou marcado em nossas vidas. E todos a temos, mesmo que ainda não revelada (Miranda, 2012, s.p).

Essa análise permitiu conhecermos mais das paisagens e dos lugares que Rachel de Queiroz percorreu, dos familiares e amigos com os quais conviveu e que a marcaram e dos esforços que fez para valorar e preservar espaços que lhe eram caros. Foi assim que chegamos ao contexto em que sua escrita é desenvolvida para entendermos como surgiu a escritora e revelamos lugares a ela relacionados que foram instituídos patrimônios histórico-culturais e/ou naturais.

No segundo caminho, analisamos alguns escritos menos conhecidos de Rachel de Queiroz. Um caderno com anotações de geografia em que testemunha as lições que aprendera dessa disciplina quando criança no Colégio da Imaculada Conceição, na cidade de Fortaleza (Queiroz, 1922). Um livro no qual demonstra o amor que possuía pelo Nordeste e, especialmente, pelo Ceará (Queiroz, 1996). E outro em que celebra e nos ensina sobre os sabores que experimentou na fazenda Não Me Deixes, em Quixadá (Queiroz, 2004). Escritos que nos permitiram alcançar a geografia que ela estudou, aquela que escreveu e ainda a que saboreou, uma *geografia telúrica* que permeia a vida e a obra da escritora, afinal Rachel de Queiroz possuía uma relação próxima com sua terra e com sua gente, com a história e a geografia que a envolviam, o que pode ser lido, por exemplo, na primeira crônica que publicou na revista *O Cruzeiro*, em 01 de dezembro de 1945, quando se apresenta aos leitores:

Sou uma mulher rústica, muito pegada à terra, muito perto dos bichos, dos negros, dos caboclos, das coisas elementares do chão e do céu. Se você entender de sociologia, dirá que sou uma mulher telúrica; mas não creio que entenda. E assim não resta sequer a compensação de me classificar com uma palavra bem soante (Queiroz, 1945, s.p).

Por fim, dedicamo-nos aos sete romances publicados por Rachel de Queiroz – *O Quinze*; *João Miguel*; *Caminho de Pedras*; *As Três Marias*; *Dôra, Doralina*; *O Galo de Ouro* e; *Memorial de Maria Moura* – relacionando espaços reais e situações imaginadas a partir de imagens que pensamos serem fundamentais na compreensão de cada uma das obras. Com essa *geografia imaginativa*, pensamos ampliar o entendimento dos homens e mulheres que habitam os mapas e as tramas que a escritora teceu, isto é, a condição humana, substancialmente geográfica, presente em suas obras.

Nosso propósito foi o de vasculhar as espacialidades e geograficidades que lhe são iminentes, expressas nas vivências e experiências que teve no decorrer de sua vida e impressas nas linhas e entrelinhas de suas obras. Embora a obra não simule a vida, esta a enriquece. Disso tudo, o entendimento que o contexto biográfico do escritor, ou em outras palavras, a sua *geobiografia*, é importante para apreendermos a configuração da atmosfera e da ambiência de suas obras, pois não existem escritos sem raízes geográficas, expressas no envolvimento entre o escritor e a natureza que dá sentido à sua existência (Lévy, 1992).

Essa aproximação, ao impelir ao trabalho em campo e à pesquisa documental, possibilita

o contato com locais por onde os escritores passaram e com lugares em que eles viveram, assim como proporciona o acesso à objetos biográficos mobilizadores de memórias e identidades que nos dão pistas de sua trajetória. Lemos, ao mesmo tempo, vida e obra, ficção e realidade, os passos do escritor e os caminhos das personagens, uma geografia que ganha em rigor, mas também em cor, espessura e profundidade.

Fernando Savater, filósofo espanhol, nos oferece um inspirado exemplo desse adensamento do espaço geográfico em seu livro *Lugares mágicos: os escritores e suas cidades*. Em relação aos escritores, escreve o seguinte:

Nós os compreendemos melhor e nos sentimos mais próximos deles ao conhecer o cenário, às vezes já muito deteriorado pelo implacável tempo, em que transcorrem suas vidas e foram forjadas suas histórias (Savater, 2015, p. 11).

Savater elabora, a partir da vida e da obra de escritores como Franz Kafka, Jorge Luis Borges, Pablo Neruda, Fernando Pessoa, Virgínia Woolf, entre tantos outros, uma *cartografia literária* de cidades como Praga, Buenos Aires, Santiago do Chile, Lisboa, Londres. Conhecemos estes lugares a partir das vivências dos escritores e das tramas que envolvem as suas personagens. Para isso, Savater afirma:

Hoje preferimos considerar que a alma do lugar são os criadores humanos, escritores, artistas, cuja inesgotável fecundidade concede uma aura quase mágica às paisagens em que vivem, ao mesmo tempo em que se nutrem daquilo que esses lugares privilegiados lhes dão (Savater, 2015, p. 11).

Mas, de fato, o referido filósofo não nos apresenta mapas e sim caminhos que nos levam por casas, ruas, restaurantes, bares, praças, enfim, para lugares por onde os escritores andaram e por paisagens onde imaginaram as suas obras. É a possibilidade de, a partir da literatura, vislumbramos uma geografia literária que transborda as palavras inscritas nos livros, passível de ser vivenciada pelo leitor curioso, estimulado pelas obras de seus escritores diletos.

O jornalista Fabrício Marques em *Uma cidade se inventa: Belo Horizonte na visão de seus escritores*, também segue esse caminho. Em seu livro são tecidos mapas literários, afetivos e sentimentais, da capital mineira a partir da vida e da obra daqueles que escreveram sobre a cidade. É a oportunidade de captarmos o plano sociológico, mas também histórico e geográfico, que envolve aqueles que decidem “inventar” novos ou diferentes significados para os lugares na cidade. Nas palavras de Marques (2015, p. 29), “[...] cada autor é um cartógrafo, elaborando dia a dia seu mapa particular nas vias da cidade”. E sua pergunta fundamental não poderia ser outra: “É possível traçar uma geografia literária de Belo Horizonte”? O que ele quer revelar é a forma como a capital mineira está presente na obra de escritores e poetas a partir dos caminhos percorridos por eles e seus personagens.

Corroboramos com geógrafos como Wright (2014), Lowenthal (1985) e Claval (2010), que outras geografias podem ser descortinadas a partir do olhar de geógrafos não profissionais, de sujeitos que de um modo ou de outro também contam o mundo a partir de suas vivências e experiências. A cidade, nesse contexto, pode ser apreendida a partir de qualquer ponto de vista.

E ao adentrarmos a cidade pela literatura, outras geografias nos aparecem. É como nos diz o poeta de Varjota, cidade sertaneja do interior do Ceará: “[...] a cidade se inventa / eu me invento / sinto que fui inventado junto dela / crescemos juntos / nos inventamos” (Viana, 2017, p. 41). É assim que nos aparecem os espaços de leitura, também entendidos como meio de pensarmos a geografia literária.



## Geografia literária em espaços de leitura

"[...] ler permite ao leitor, às vezes, decifrar sua própria experiência, é o texto que 'lê' o leitor, de certo modo é ele que o revela; é o texto que sabe muito sobre o leitor, de regiões dele que ele mesmo não saberia nomear. As palavras do texto constituem o leitor, lhe dão um lugar." (Petit, 2009, p. 38).

As bibliotecas comunitárias, segundo Roger Guedes (2011), são ambientes físicos criados e mantidos por comunidades civis, geralmente sem a intervenção do poder público. Esses espaços têm o propósito de valorizar as comunidades do qual fazem parte, reduzindo as desigualdades ali existentes a partir da promoção da inclusão informacional.

Comumente essas bibliotecas funcionam nas casas daqueles que as sonham, mas também em igrejas, comércios, organizações não governamentais e até mesmo em cemitérios, fazendo com que os livros alcancem os lugares mais insólitos. São bem organizadas e costumam ter essa organização feita por profissionais, embora, o quadro de pessoal seja pequeno, normalmente integrado por voluntários. Em sua maioria elas podem ser encontradas nos espaços periféricos da cidade. Aqui entendemos as bibliotecas comunitárias como espaços de leitura.

São espaços de leitura, porque *lugares de resistência* e como tais, para recordarmos Tuan (2013), são espaços onde o afeto, pela literatura e pelos outros, permeia as atividades desenvolvidas, fazendo desses espaços um lugar para os seus frequentadores. As bibliotecas resistem, porque ao estarem na periferia, além de conviverem diariamente com a violência urbana, lidam com a dificuldade financeira, dependendo de doações, parcerias ou da cobrança de taxas por cursos, oficinas e outras atividades oferecidas para um público mais amplo. Nas palavras de Tales Azigon, jovem escritor e importante incentivador das bibliotecas comunitárias na cidade de Fortaleza:

[...] uma biblioteca é a comunidade do conhecimento, nela, mulheres e homens que aprenderam a ler o mundo, a tocar as coisas, a sentir, a perguntar, materializar a experiência da palavra-mundo em palavra escrita de objetos que chamamos livros. E para um bairro que foi obrigado a ser periférico, um bairro isolado, onde no começo não tinha ônibus e até hoje carece de hospital, escola de ensino médio, cinema, teatro, banco, todas as invenções daquilo que chamamos civilização, uma biblioteca é uma bússola, uma revolução, uma cabana quente no meio da floresta, um balão de fuga, um acontecimento (Azigon, 2019, p.7).

Atualmente é interessante pensar esses espaços de leitura diante do encerramento das atividades de tantas livrarias. As bibliotecas comunitárias multiplicam-se, esclarecendo o quanto os livros perduram independentes dos espaços de comercialização. Elas existem, entre outros motivos, porque o livro é caro, frente à renda e ao acesso de boa parte das pessoas. Nelas, grupos e mediações de leitura acontecem a todo instante e o acesso é livre a livros de toda sorte. Em algumas os livros podem ser trocados e levados para casa sem necessidade de devolução. Desta forma esses espaços se estabelecem como pontos de troca, encontro e cultura.

À geografia literária, também interessa a lógica reticular das bibliotecas comunitárias, possibilitando a elaboração de mapas reveladores de sua socioespacialidade. Essa *geografia das redes* deve ser entendida em suas diversas escalas. Quando a escala é nacional, podemos nos ater à Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias que se organiza como uma ação coordenada (institucionalmente) e coletiva atingindo vários estados, particularmente organizações sociais e culturais em comunidades e regiões metropolitanas com grande carência de atuação pública. Quando a escala é local, as redes se multiplicam e atingem outros espaços, não só a cidade, mas também o campo, revelando o trabalho solidário, uma verdadeira *rede de afetos* (Silva, 2019), existente entre as bibliotecas e os seus componentes.

É comum vermos membros de uma biblioteca participando de atividades de outras bibliotecas e essas atividades são as mais ricas e diversas: saraus, rodas de discussão e leitura, contação de histórias, minicursos e oficinas com temas, em sua maioria, relacionados à literatura e mesmo a confecção e publicação de jornais com notícias dos bairros, estabelecendo um elo maior da população com o lugar. Todas essas atividades esclarecem a função

política dos espaços de leitura, espaços de elaboração de reflexão e pensamento onde uma *geografia política* mais próxima do povo é conformada. A antropóloga Michèle Petit entende bem essa importância ou o sentido político e geográfico da literatura e da leitura quando retoricamente interroga:

Por que ler é importante? Por que a leitura não é uma atividade anódina, um lazer como outro qualquer? Por que a escassa prática da leitura em certas regiões, em certos bairros, ainda que não chegue ao iletrismo contribui para torná-los mais frágeis? E no sentido inverso: de que maneira a leitura pode se tornar um componente de afirmação pessoal e de desenvolvimento para um bairro, uma região ou um país? (Petit, 2009, p. 60).

A literatura e o que ela promove, nesse sentido, se também voltarmos ao que afirma Petit na epígrafe desta parte de nosso ensaio, permite a decifração da existência, ato político, ao mesmo tempo geográfico, da literatura pela leitura. O escritor Daniel Pennac esclarece bem isso quando escreve:

Cada leitura é um ato de resistência. De resistência a quê? A todas as contingências. Todas:

- Sociais.
- Profissionais.
- Psicológicas.
- Afetivas.
- Climáticas.
- Familiares.
- Domésticas.
- Gregárias.
- Patológicas.
- Pecuniárias.
- Ideológicas.
- Culturais.
- Ou umbilicais.

Uma leitura bem levada nos salva de tudo, inclusive de nós mesmos.

E, acima de tudo, lemos contra a morte (Pennac, 1993, p. 80-81).

Isso nos leva ao leitor, sujeito mais importante desses espaços de leitura. O leitor também “desforma” mundos, ele reescreve o texto enquanto lê e também é transformado (PETIT, 2009). No *espaço íntimo* da leitura o *espaço público* é recriado cheio de novidades, de questionamentos, de outras compreensões, nessa relação entre o texto e tudo aquilo que envolve o leitor: “E esse espaço íntimo nos dá um lugar. A partir daí, dessa outra maneira de ocupar o tempo que nos é dado quando lemos, temos uma outra percepção do que nos cerca” (PETIT, 2009, p. 40). O *hábito de leitura*, com isso, é transformado, em *ato de leitura*.

Podemos, assim, pensar também uma *geografia da leitura*? Já falamos das espacialidades e geograficidades presentes nas obras literárias, de como as materialidades e imaterialidades enriquecem a nossa compreensão sobre os autores e seus escritos. Cabe pensarmos em como essas relações estimulam não somente a interpretação, mas também a transformação. Como uma viagem para dentro mediada pelo livro impacta no que acontece do lado de fora, nos caminhos e nas escolhas do leitor. Pensamos serem os espaços de leitura mais uma possibilidade, entre tantas, da geografia literária provar, parafraseando o historiador Tzvetan Todorov (2011), que a beleza é capaz de salvar o mundo.

## O que pode a geografia literária?

“Com certeza, a Arte é o lugar mais nobre nesta tarefa de reedição da Verdade do homem no mundo, porque a Verdade acontece enquanto dínamo da Beleza, no exercício do amor e no encaicho da liberdade”

(Saja, 2010, p. 19).



A geografia literária pode compor *geobiografias*. Uma cartografia da vida dos escritores, dos locais por onde passaram e dos lugares que lhes foram importantes. Detalhes da existência do escritor são revelados contribuindo com a apropriação de suas obras. *É certo que a obra não imita a vida, mas a vida inspira a obra*. Não custa reforçar a importância da geobiografia em revelar pessoas e espaços da (con)vivência e do cotidiano do escritor. No que diz respeito a esses espaços (casas, apartamentos, praças, restaurantes, bares, livrarias, praias, sítios etc.) a potencialidade cultural, e mesmo econômica, que eles possuem se possibilitada e planejada a sua visita na constituição de roteiros turístico-literários.

A geografia literária pode elaborar *geografias da literatura*. Análise histórica que envolve tanto o contexto em que é produzida a obra, como os espaços por ela representados. No primeiro caso, a obra literária é vista como uma elaboração de papel historiográfico preponderante, embora saibamos que esta não possui preocupação com a realidade socioespacial. No segundo, a obra coloca em relevo ou enriquece a nossa apropriação dos lugares a partir da trama que neles se desenrola. Nessa perspectiva é possível perceber o quanto a literatura acompanha o movimento da sociedade, sua dinâmica cultural, política, econômica e ambiental.

A geografia literária também pode explorar as *geografias na literatura*. Perspectiva que reconhece a obra em sua ficcionalidade, todavia compreende o quanto a literatura é significativa no entendimento da condição humana sobre a Terra. Paisagens são adensadas e lugares são evidenciados, enriquecendo a forma como os conceitos geográficos podem ser (re)discutidos e (re)trabalhados. Na mesma medida, as experiências geográficas que nos oferecem as personagens, nos apontam geograficidades possíveis, a pluralidade de formas de ser-no-mundo.

A geografia literária pode, enfim, realizar uma *geografia da leitura*. Nelas, as espacialidades e geograficidades do leitor são evidenciadas através do modo como funcionam os espaços de leitura. Nesses espaços, lugares de resistência se conformam afetiva e politicamente, na discussão de temas relevantes, na realização de atividades diversas, na construção de um sentido de mundo para aqueles que de outro modo ou por outros meios dificilmente teriam acesso a esse tipo de cultura. A geografia da leitura é uma geografia preocupada com a força da palavra, da escritura, da leitura na fundação e significação do mundo, especialmente do mundo daqueles que têm na literatura um dos únicos meios de mudar ou de sonhar com outra vida.

Das leituras do espaço aos espaços de leitura a geografia literária pode ser ampliada, enriquecida, tendo a certeza que a literatura, entre tantas outras artes, tem a capacidade de reeditar a verdade do homem no mundo, de mudar a sua história e a sua geografia.

## Referências

- AZIGON, Talles. A leitura e o bairro. **Folha Curió**, 6ª edição, p. 7, 2019.
- BARROS, Manoel de. As lições de R. Q. In AZIGON, Talles. **Meu Quintal é maior do que o mundo (antologia)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. p. 102.
- BROSSEAU, Marc. **Des romans-géographes: essai**. Paris: L'Harmattan, 1996.
- CAVALCANTE, Tiago V. **Geografia literária em Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições UFC, 2019.
- CLAVAL, Paul. **Terra dos homens: a geografia**. São Paulo: Contexto, 2010.
- COLLOT, Michel. **Pour une géographie littéraire**. Paris: Éditions Corti, 2014.
- DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GUEDES, Roger de M. Bibliotecas comunitárias e espaços públicos de informação. In: MOURA, Maria A. (org.). **Cultura informacional e liderança comunitária: concepções e práticas**. Belo Horizonte: Proex/UFMG, 2011. p. 75-79.

JACINTO, Rui. (D)escrever a Terra: geografia, literatura, viagem. A geografia de Portugal segundo José Saramago. **Geographia**, Niterói, v. 17, n. 33, p. 9-41, 2015.

LÉVY, Bertrand. **Hermann Hesse: une géographie existentielle**. Paris : Jose Corti, 1992.

LÉVY, Bertrand. Géographie culturelle, géographie humaniste et littérature: position épistémologique et méthodologique. **Géographie et Cultures**, n. 21, printemps, p. 27-44, 1997.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas da geografia**. 2ªed. São Paulo: DIFEL, p. 103-141, 1985.

MARANDOLA, Janaina de A. M. e S. **Caminhos de morte e de vida: o geográfico e o telúrico no rio Severino de João Cabral de Melo Neto**. Londrina: EDUEL, 2011.

MARANDOLA JR., Eduardo. Geosofia e humanismo: do conhecimento geográfico à geografia do conhecimento. In: KATUTA, Ângela M.; SILVA, William R. da (org.). **O Brasil frente aos arranjos espaciais do século XXI**. Londrina: Humanidades, 2007. p. 269-298.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

MARQUES, Fabrício. **Uma cidade se inventa: Belo Horizonte na visão de seus escritores**. Ensaio fotográfico de João Marcos Rosa. Belo Horizonte: Editora Scriptum, 2015.

MIRANDA, Ana. A geografia pessoal. **O POVO** - Colunas. Fortaleza, 05 mai. 2012. Disponível em: <<https://www.20opovo.com.br/app/colunas/anamiranda/2012/05/05/noticiasanamiranda,2832923/a-geografia-pessoal.shtml>> Acesso em: 05 mai. 2019.

MONBEIG, Pierre. Literatura e Geografia. In MONBEIG, Pierre. **Ensaaios de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: Livraria Martins, 1940. p. 222-229.

MONTEIRO, Carlos A. de F. Travessias da crise (tendências atuais na Geografia). **Revista Brasileira de Geografia**, n. 50 - Número Especial - Tomo 02. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, p. 127-150, 1988.

MOTA, Mauro. **Geografia literária**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2ªed. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

QUEIROZ, Rachel de. **Geographia** [manuscrito], 1922.

QUEIROZ, Rachel de. Crônica n. 1. **O Cruzeiro**, 1945. Coluna "Última Página". Disponível em: <[http://www.releituras.com/racheldequeiroz\\_cronica1.asp](http://www.releituras.com/racheldequeiroz_cronica1.asp)> Acesso em: 05 mai. 2019.

QUEIROZ, Rachel de. **O Não Me Deixes: suas histórias e sua cozinha**. 2ªed. São Paulo: ARX, 2004.

QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria L. de. **O nosso Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1996.

SAJA, José A. Fazer-o-real: arte enquanto documento. In: SILVA, Maria A. da; SILVA, Harlan R. F. da. (orgs.). **Geografia, literatura e arte: reflexões**. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 15-20.

SAVATER, Fernando. **Lugares mágicos: os escritores e suas cidades**. Trad. Marlova Aseff. Porto Alegre: L&PM, 2015.

SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e Geografia. **Boletim Geográfico**, ano 7, n. 76, p. 327-332, jul. 1949.

SILVA, Francisco R. do N. **Rede de afetos**: práticas de re-existências poéticas na cidade de Fortaleza (CE). 2019. 207f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

TODOROV, Tzvetan. **A beleza salvará o mundo**: Wilde, Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros do absoluto. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

VIANA, Mailson F. **À cidade**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade**, Niterói, v. 4, n. 2, p. 4-18, Inverno 2014.